

Ana Cleide da Silva Rodrigues¹
 Cellyneude de Souza Fernandes¹
 Kayline Macedo Melo¹
 Francisca Alana Araújo Aragão¹

¹Faculdade Luciano Feijão (FLF)

Autor para correspondência:
 Ana Cleide da Silva Rodrigues
 acleyde004@gmail.com

Submetido em: 29/10/2024

Aprovado em: 16/12/2024



Copyright (c) 2024 - Scientia - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão - Faculdade Luciano Feijão - Núcleo de Publicação e Editoração - This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA E RACISMO: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO A PARTIR DA PSICOLOGIA SOBRE A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NEGRAS

INTERFACES BETWEEN PSYCHOLOGY AND RACISM: A NETNOGRAPHIC STUDY ON THE MENTAL HEALTH OF BLACK WOMEN

Resumo

O presente estudo tem como objetivo explorar, por meio de análise de posts no Instagram, como a psicologia tem discutido a saúde mental das mulheres negras que enfrentam discriminações raciais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa com abordagem netnográfica, no período de julho a agosto de 2022, através do mapeamento dos conteúdos postados na respectiva rede social com o uso da #psicologiapreta, sendo analisadas 13 postagens, selecionadas de um total de 400 mapeadas. Após as análises, as publicações evidenciaram três categorias: luta antirracista, consequências psicoemocionais do racismo e autocuidado da mulher negra. A importância do posicionamento da psicologia contra o racismo, destaca o impacto do racismo nas emoções e na saúde mental das mulheres. Constatou-se que os marcadores de raça e gênero intensificam as experiências de discriminação e sofrimento psíquico. O autocuidado foi apresentado como uma ferramenta essencial para enfrentar essas vivências. As postagens também ressaltaram a necessidade de maior visibilidade para as demandas da população negra na psicologia. Conclui-se que a rede social Instagram se mostrou uma ferramenta relevante para acessar conteúdos que evidenciam as subjetividades de mulheres negras atravessadas pelo racismo, funcionando com uma ferramenta de apoio à psicologia na luta antirracista e no apoio à saúde mental de mulheres negras.

Palavras-chave: Mulher negra; Netnografia; Autocuidado; Saúde Mental.

Abstract

The present study aims to explore, through analysis of posts on Instagram, how psychology has discussed the mental health of black women who face racial discrimination. To this end, qualitative research was carried out with a netnographic approach, from July to August 2022, through mapping content posted on the respective social network using #blackpsychology, analyzing 15 posts, selected from a total of 400 posts. After analysis, the publications showed three categories: anti-racist struggle, psycho-emotional consequences of racism, and self-care for black women. The importance of psychology's stance against racism highlights the impact of racism on women's emotions and mental health. It was found that markers of race and gender intensify experiences of discrimination and psychological suffering. Self-care was presented as an essential tool to face these experiences. The posts also highlighted the need for greater visibility of the demands of the black population in psychology. It is concluded that the social network Instagram proved to be a relevant tool for accessing content that highlights the subjectivities of black women crossed by racism, functioning as a tool to support psychology in the anti-racist fight and in supporting the mental health of black women.

Keywords: Black woman; Netnography; Self-care; Mental health.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa explora o impacto do racismo e da discriminação racial na vida da população negra, com foco nas mulheres. Considerando que o racismo além de uma ideologia promotora de desigualdades, é visto também como uma violação dos direitos humanos (CFP, 2017). A partir das reflexões de Corsino, Verceze e Cordeiro (2022), evidencia-se o sofrimento diário enfrentado por homens e mulheres negras, influenciando em suas dinâmicas sociais e papéis na sociedade. Evidências epidemiológicas revelam uma diminuição da qualidade de vida e da expectativa de vida da população negra, atribuída à falta de acesso a serviços e à vivência constante de exclusão e marginalização, acrescentando os fatores determinantes sociais de discriminação sexual, violência de gênero e exclusão social que impactam a saúde mental dessas pessoas (ALVES; RODRIGUES, 2010; CHAGAS, 2010; CUNHA, 2001)

Diante desse contexto, a pesquisa busca convocar a psicologia para o debate sobre raça e gênero, refletindo sobre os impactos subjetivos do racismo na vida das mulheres negras, bem como ressalta a transformação desse cenário que vem sendo impulsionada pelo CFP desde 2000 (SCHUCMAN, 2012). Pois há uma necessidade de fortalecer os estudos psicológicos sobre o sofrimento psíquico presente na vida das mulheres negras de classe baixa, que tem suas vidas atravessadas pelo racismo (MENDES; MOTA, 2022; VEIGA, 2019).

Assim, o estudo se justifica por visibilizar as questões raciais enfrentadas pelas mulheres negras ao longo da história e os reflexos ainda presentes em suas vidas cotidianas. Motivada por uma identificação pessoal com o tema, a autora, graduada em psicologia e negra, busca responder à pergunta: De que maneira a psicologia tem contribuído para o debate sobre os impactos do racismo à saúde mental e ao bem-estar de mulheres negras?

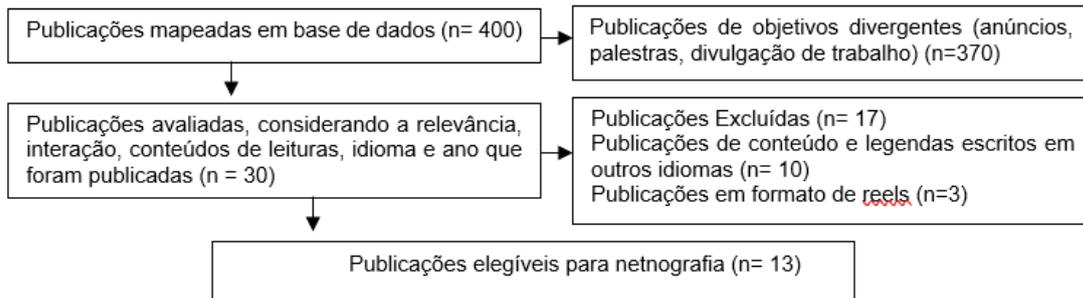
O objetivo geral da pesquisa é explorar, por meio de análise de posts no Instagram, como a psicologia tem discutido a saúde mental das mulheres negras que enfrentam discriminações raciais. Os objetivos específicos incluem explorar os conteúdos postados com a hashtag #psicologiapreta para analisar as consequências do racismo e descrever como os marcadores de raça e gênero se manifestam nas experiências das mulheres negras na sociedade.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada no raciocínio, na percepção e na compreensão humana (STAKE, 2016). Para tal, emprega-se uma metodologia exploratória baseada na netnografia, a qual “adapta os procedimentos etnográficos tradicionais à interação social mediada por computador, considerando suas particularidades, como alteração, acessibilidade, anonimato e arquivamento” (KOZINETS, 2014, p. 60). Nesse contexto, a pesquisa é conduzida no ambiente virtual, dada a crescente importância desse espaço no campo da psicologia e na vida cotidiana das pessoas. O Instagram foi escolhido como fonte de dados devido à sua eficácia como rede social para o compartilhamento de informações, suas amplas interações e grande alcance, refletindo a diversidade cultural, étnica e de crenças. Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi essencial identificar as hashtags mais relevantes para o estudo. Optou-se pela #psicologiapreta, focada na saúde mental da população negra e abrangendo diversos temas da psicologia.

A coleta de dados ocorreu entre julho e agosto de 2022, com monitoramento semanal à noite para capturar novos conteúdos. Utilizou-se a hashtag na pesquisa do Instagram para identificar as informações. Estabeleceram-se critérios de inclusão para selecionar as publicações relevantes: postagens de 2021 ou 2022, em português e relacionadas à temática, com alguma interação (curtidas, comentários ou seguidores). As publicações que atendiam aos critérios de exclusão, como anúncios de palestras ou conteúdo em outros idiomas, foram descartadas. Após a aplicação dos critérios, selecionaram-se 13 publicações. O esquema de busca está na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma do percurso de busca e seleção das publicações para o estudo netnográfico



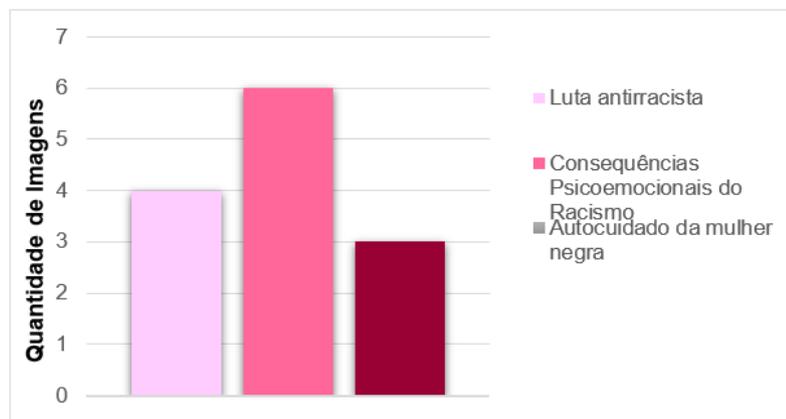
Fonte: Dados da pesquisa

A análise dos dados fundamentou na análise de conteúdo, Bardin (2011), afirma que o uso desta técnica requer considerar três etapas importantes: leitura flutuante (pré-análise), exploração temática e tratamento dos resultados, ao aprofundar-se e compreender o estudo, permite a construção de categorias. Com isto, os conteúdos que emergirem nas publicações a partir da busca e fazem referência aos objetivos desta pesquisa serão utilizadas para a construção de categoria para serem analisados e discutidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas 400 publicações através do mapeamento preliminar das quais foram excluídas 370, totalizando 30 publicações para uma análise mais criteriosa e objetiva. Destas 30 foram selecionadas apenas 13 publicações, das quais 4 se direcionam à temática "Luta antirracista", 6 são referentes às "Consequências Psicoemocionais do Racismo" e 3 com referências ao "Autocuidado da mulher negra" (ver Figura 2).

Figura 2- Verificação das Publicações encontradas a partir da #psicologiapreta



Fonte: Dados da pesquisa.

A singularidade das mensagens de cada imagem caracteriza-se pelas seguintes categorias:

- Luta Antirracista: as postagens revelam o modo como a psicologia deveria se posicionar mediante às questões que dizem respeito às pessoas negras lutando diariamente contra as discriminações;
- Consequências Psicoemocionais do Racismo: as postagens apresentam os efeitos psicoemocionais do racismo na vida das pessoas negras, em interseção com outros marcadores sociais;
- Autocuidado da Mulher Negra: os posts referem-se ao autocuidado como ferramenta em enfrentamento do racismo.

Luta Antirracista

Nesta categoria as publicações refletem sobre a luta contra o racismo e sobre o posicionamento que a psicologia deveria assumir diante das questões que permeiam a vida das pessoas negras, dentre elas, se inclui as mulheres negras, as quais são o foco deste estudo (ver Figura 3).

Figura 3 – Publicações na rede social Instagram sobre a luta contra o racismo e o papel da psicologia.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Com base nos itens A, B, C e D presentes na figura 3, observa-se que a luta contra o racismo deveria ser integrada ao papel da psicologia. Essa inclusão é fundamental para discutir questões

relacionadas à saúde mental da população negra e dar visibilidade ao sofrimento dessas pessoas, frequentemente invisibilizado. Essa invisibilidade não se deve apenas à escassez de debates sobre as questões que envolvem as pessoas negras, mas também à própria forma como a psicologia se estrutura dentro da sociedade.

O item A reforça o que se foi mencionado acima, cujo conteúdo contém uma frase que ratifica a percepção que se tem acerca de como a psicologia se apresenta na sociedade, sendo destinada apenas a uma população específica. No entanto, Silva e Oliveira (2022), relatam que a psicologia brasileira tem mudado sua percepção e tem atuado em favor do combate ao racismo, através da criação de normas de atuação do psicólogo em prol da saúde mental da população negra.

Considerando que o racismo opera como uma ideologia que produz desigualdades e impõe ao povo negro condições precárias de existência, o Sistema Conselhos de Psicologia (CFP e CRPs) assume um compromisso ético-político nesse enfrentamento. Esse compromisso se manifesta na atuação em diferentes contextos nos quais a psicologia se insere, com o objetivo de garantir o acolhimento e a visibilidade das demandas relacionadas aos efeitos psicológicos e sociais do racismo (CFP, 2017). O mesmo fenômeno se faz presente no acesso da população negra as instituições de saúde, e na maneira implícita da atuação do profissional, corroboram para pensar a categoria de raça e demais marcadores sociais para conhecer as especificidades do contexto de experiências dessas pessoas para obter e acessar uma saúde no mínimo igualitária, que por várias vezes deixam as pessoas negras “encurraladas” tendo pouca oportunidade de se desenvolver no contexto em que se estão inseridas, pois elas não conseguem ultrapassar a barreira econômica e o imaginário social em que, estão imposta a ela, pois, tendo a visão de que são pessoas que não merecem, ou não conseguem conquistar algo além daquilo que ela já tem, é instituído a elas um espaço de inferioridade, que desfavorece a percepção de mudança na vida daquele sujeito, contribuindo ainda mais para a sua exclusão (SILVA, 2004; OLIVEIRA; KUBIAK, 2019).

O item B retoma a questão de uma psicologia que olhe para onde o sofrimento está sendo produzido, pois as manifestações podem ser decorrentes dessas vivências do sujeito, que no item D essas vivências resistem e reexistem diante dos diversos modos de sobrevivência da pessoa negra. Assim sendo, percebe-se que os diálogos se alinham quando o sujeito, especificamente o negro, tem sua identidade e subjetividade negada, tendo que lutar e buscar ferramentas para enfrentar o racismo diariamente, e a psicologia preta se consolida nessa perspectiva de contribuir no cuidado ao que se refere à população negra (VEIGA, 2019).

Em vista disso, o item C ao criticar o fato de as pessoas negras serem lembradas apenas no mês de novembro devido à consciência negra, ela enfatiza questões que diz respeito às marcas do colonialismo ainda estarem presentes na sociedade, excluindo seres, e saberes que não se assemelham aos padrões sociais. Isso pode ser observado quando as produções de autores famosos como Juliano Moreira, Frantz Fanon, Neusa Santos e Dona Ivone Lara tiveram que ser apagadas sistematicamente, sendo alvos, portanto, de um epistemicídio, que é justamente essa eliminação de conhecimentos e histórias de sujeitos negros, exigindo então uma resistência por parte das pessoas em prol de sua própria identidade e a não exclusão de determinados saberes (PESSANHA, 2018).

Assim como esses autores e autoras negros enfrentaram isso em seu percurso de vida, muitas mulheres têm suas subjetividades desconsideradas devido à cor da pele, e é por isso que Silva (2019) afirma que, para além da Psicologia, a cor também intervém nas relações, limitando as possibilidades de

expressão das emoções, da subjetividade afetiva, e, conseqüentemente, de construção de laços com a sociedade. Posto isso, entende-se que a luta antirracista é dever não só da psicologia, como da sociedade, de assumir um compromisso para com esses povos excluídos, alvos das desigualdades que a sociedade impõe, porque além dela causar toda opressão, afeta o indivíduo brutalmente, deixando marcas em sua vida.

Marcadores de raça, gênero nas experiências da mulher negra

O conteúdo das publicações revela que os marcadores sociais não apenas estão presentes nas vivências das mulheres, mas também intensificam a experiência do racismo em suas vidas. Nesse sentido, ao considerar tanto o conteúdo das imagens quanto a autoria, observou-se que, na maioria dos perfis selecionados, as responsáveis eram mulheres, psicólogas e negras, ou seja, sujeitos atravessados por esses mesmos marcadores. Diante disso, esse ponto se divide em duas categorias, a fim de aprofundar as questões relativas à presença dos marcadores sociais nas experiências da mulher negra: Consequências Psicoemocionais do Racismo e Autocuidado da Mulher Negra, conforme itens os E, F, G, H, I, J, K, L, M (Figura 3).

Consequências Psicoemocionais do Racismo

Os itens E, F, G, H, I e J abordam as consequências psicoemocionais do racismo, considerando a perspectiva interseccional, na qual os marcadores se cruzam e emergem nas experiências da mulher negra.

Os itens em questão evidenciam a presença dos marcadores nas experiências de uma mulher negra, que em seus conteúdos apresentam a relação com o que Santos e Dias (2022) propuseram, ao analisarem as experiências da mulher negra nos diferentes espaços e instituições (família, escola, universidade, trabalho e dispositivos públicos), identificando uma violência presente nas relações do indivíduo com o meio. Essa violência reflete negativamente na identidade negra, na autoestima, na subjetividade e na saúde mental dessas pessoas, indicando que a exclusão social gera sofrimento psíquico na vida desse sujeito. Tal sofrimento é decorrente do racismo, que marca a história de vida de cada uma dessas mulheres na sociedade, manifestando-se nas diversas opressões às quais estão submetidas (CRUZ, 2021).

Em síntese, esse sofrimento vai além de xingamentos verbais, desenvolvendo-se ao longo da trajetória de vida do indivíduo, que passa a perceber a relação de violência e sofrimento em que está inserido, afetando sua autoestima. Refletir sobre esse sofrimento decorrente do racismo permite compreender como os efeitos se apresentam na vida das pessoas (PRADO et al., 2022).

O item F revelou, por meio de seu conteúdo, que há uma mulher negra em sua composição, e na parte que representa seu cabelo, há palavras que possivelmente caracterizam as sensações referentes ao sofrimento enfrentado pela mulher negra no cotidiano. Sendo descritas por esgotamento; exaustão; estresse; crise; cansaço; irritabilidade; perda de apetite; frustração; contrarrelógio; falhas de memória; pressão; sobrecarga de trabalho; controle excessivo; precariedade; doença e excesso de esforço.

Fanon (2008) afirma que a mulher negra enfrenta muitas dificuldades em sua vida devido ao racismo, que se apresenta como um sistema de opressão, que afeta o corpo, a linguagem, a sexualidade

e o campo da afetividade, regulando a preferência afetivo-sexual do indivíduo, que retratam sobre as mulheres negras terem dificuldades de encontrarem pessoas com mesmas afinidades e visões de mundo parecidas, e assim construir um vínculo afetivo com ela, tendo, portanto, de modificar-se a ponto de caber na estrutura social que se constrói a sociedade.

Hooks (2000) complementa essa análise, destacando que a vida da mulher negra é marcada pela falta de afetos devido ao racismo, que afeta suas relações e limita as discussões públicas, intensificando seu sofrimento. O efeito do racismo vai incidir de forma direta no modo como essa pessoa se enxerga e se potencializa, pois ele ataca o sujeito naquilo que lhe dá consciência de identidade, sendo a sua cor, cabelo, dentre outras características atribuídas ao seu corpo, e com esse ataque ao corpo negro sendo feito constantemente, desenvolve uma desorganização psíquica e emocional no indivíduo levando ao rebaixamento de sua autoestima e construção de uma imagem diferente do que ele se assemelha (SILVA, 2004). As marcas deixadas pelo racismo se manifestam a partir da discriminação, preconceitos, sexismo, e proporciona ao indivíduo diversos transtornos tanto físicos como psíquico, incluindo taquicardia, ataques de pânico, depressão, dificuldade de conversar com alguém, raiva, alcoolismo e ansiedade (CARNEIRO, 2011).

O item H destaca o transtorno do estresse pós-traumático como uma consequência das discriminações, com muitos sentindo culpa pelas situações impostas pela estrutura social (SILVA, 2004). Como observado na publicação 3, esses sofrimentos são causados por um terceiro que deixa marcas emocionais no sujeito. Lopes (2008) aponta que o racismo ainda persiste no século 20 e 21, afetando relações afetivas e sociais por meio de ações discriminatórias e estereotipadas.

Nas ilustrações I e J, entende-se que o racismo gera traumas, construindo um discurso de insuficiência, onde as pessoas negras internalizam que não são suficientes em tudo o que fazem. O racismo afeta as pessoas de maneira cruel, criando mal-estar e, guiadas pela falsa superioridade, as expressões discriminatórias ocorrem no contato com o outro, que não percebe as quão invasivas são e o impacto que causam.

Autocuidado da mulher da negra

Os recortes apresentados nas letras K, L, e M questionam a configuração da mulher negra, distante do cuidado pessoal e estético do mercado. No entanto, elas também abordam as dificuldades da população negra em acessar serviços de saúde mental que ofereçam atenção e escuta adequadas aos efeitos do racismo (XAVIER et al., 2021).

O autocuidado, pessoal e coletivo, é uma ferramenta importante ao considerar as interseccionalidades, criando novos meios de organização social (Nascimento, 2020). Para a mulher negra, a necessidade de autocuidado surge das vulnerabilidades a doenças, exacerbadas pela falta de acesso a cuidados, decorrente das desigualdades e da cor da pele (BARATA, 2009; BENTO et al., 2019; LIMA; VOLPATO, 2014).

Como visto na ilustração M, o autocuidado fortalece o enfrentamento do racismo, permitindo refletir sobre sua afetação na vida das pessoas negras. Para Veiga (2021), é essencial falar sobre a saúde mental dessa população, que sofre discriminação constante, e o autocuidado é crucial para enfrentar paradigmas sociais que não reconhecem suas necessidades.

Conforme a imagem K, cuidar da saúde mental da pessoa negra é um ato revolucionário e as

mulheres negras, atravessadas por vários marcadores sociais, enfrentam maior vulnerabilidade em saúde, necessitando de apoio para lidar com as discriminações. No entanto, muitas encontram desafios invisíveis ao buscar cuidados nas instituições de saúde (ROSA; HOGA; SANTANA, 2014). A naturalização da hierarquização dos corpos na sociedade afeta a mulher negra, dificultando seu acesso ao cuidado adequado, visto que este é associado a um trabalho predominantemente feminino e com poucas oportunidades no mercado (PASSOS, 2020).

Pois o que é certificado a essas mulheres é empregos desqualificados, ou até mesmo desemprego, residências de má qualidade, educação inapropriada e atendimentos médicos e psicológicos precários, há uma diferenciação no cuidado à população negra, que por vezes não é qualificado as suas demandas (DAVIS, 2016).

Pacheco (2013) realça que a sociedade determina o espaço da mulher negra como sendo aquela naturalizada ao mercado do sexo, trabalho doméstico, erotização e escravização, além de serem consideradas desfavoráveis ao mercado afetivo, da cultura de afetos e até possíveis relacionamentos. Ela vivencia o racismo e o sexismo, conectando raça, gênero e classe social (BAIRROS, 1995).

A figura L enfatiza as experiências que sobrecarregam a vida da mulher negra, cujos estereótipos de "guerreira" são baseados na discriminação racial e de gênero, que regulam suas escolhas. A combinação de raça e gênero exclui afetivamente as mulheres negras, afetando sua vida cotidiana por serem diferentes do padrão social (PACHECO, 2013). Essas mulheres não precisam carregar sozinhas essas dificuldades, pois, como visto neste estudo, também precisam de cuidado diante do sistema de opressão. A complexidade de discutir essas questões revela o desejo de abordar o espaço de não cuidado oferecido às mulheres negras e como isso impacta suas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou uma mesclagem no que vem sendo publicado com o uso da #psicologiapreta. As temáticas encontradas foram categorizadas em: Luta antirracista; Consequências Psicoemocionais do racismo; e Autocuidado da mulher negra, que foram discutidas sistematicamente em articulação com os objetivos propostos. As publicações abordaram questões relacionadas à luta contra o racismo e propuseram que a psicologia se empenhasse nos assuntos relacionados à população negra, especialmente à mulher negra, que enfrenta várias discriminações decorrentes do racismo em suas experiências, intensificadas pelos marcadores sociais atribuídos a essas mulheres.

Buscou-se também descrever como esses marcadores de raça, gênero e classe impactam nas experiências da mulher negra na sociedade, conforme os conteúdos postados. Percebeu-se que esses marcadores sociais estão presentes na vivência da mulher, intensificando a experiência do racismo em suas vidas.

Este estudo ressalta o potencial das redes sociais como território de pesquisa e de possibilidades, ao facilitar a busca por conteúdos que se referem aos sujeitos com suas subjetividades atravessadas por um sistema de opressão. O Instagram mostrou-se uma ferramenta significativa para esta pesquisa, permitindo uma análise relevante. Isso destaca o valor dessa plataforma para outras linhas de pesquisa envolvendo a população negra, saúde mental de mulheres negras, racismo nas relações amorosas e outras questões que abordam as solidões que permeiam a vida da mulher negra.

Diante das limitações encontradas, sugere-se que futuras pesquisas ampliem a análise para um número maior de publicações, incluindo outras hashtags relevantes para o tema da psicologia e saúde mental da mulher negra. Recomenda-se também a realização de estudos longitudinais, acompanhando a evolução dos conteúdos publicados ao longo do tempo. Além disso, estudos que envolvam entrevistas com mulheres negras que interagem com a #psicologiapreta podem fornecer uma compreensão mais aprofundada sobre os impactos emocionais desse conteúdo. Outra possibilidade é realizar comparações entre diferentes redes sociais, como Twitter e Facebook, a fim de identificar se há diferenças nas narrativas e discussões.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Alexandra Marinho; RODRIGUES, Nuno Filipe Reis. Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 127-131, 2010.
- BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.
- BARATA, Rita Barradas. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENTO, Taís Costa. **Concepções de mulheres negras sobre autocuidado em saúde reprodutiva**. 2019.112 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Saúde Coletiva, 2019. São Paulo.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1ª edição, p.192. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHAGAS, Andréa Moreira. **Comunidade Popular, População Negra, Clínica e Política: um outro olhar**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, 2010. Rio de Janeiro.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Relações Raciais: Referências técnicas para a atuação de psicólogos/os**. Brasília, CFP, 2017. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf. Acesso em: 25 out. 2022.
- CORSINO, Debora Lydinês Martins; VERCEZE, Flávia Angelo; CORDEIRO, Silvia Nogueira. “Minha cor não desbota, não deixa se abater por qualquer coisa”: O Hiato entre Força e Sofrimento em Histórias de Mulheres Negras. **Revista Subjetividades**, v. 22, n. 1, p. e11777-e11777, 2022. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/11777>. Acesso em: 25 out. 2022.
- CRUZ, Mirella Rodrigues da. Solidão da mulher negra: uma história de invisibilidade afetiva. **Revista Gênero e Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 02, 2021. Disponível em: <https://www.periodicojs.com.br/index.php/hp/article/view/358>. Acesso em: 25 out. 2022.
- CUNHA, Estela María García de Pinto. Mortalidade infantil e raça: as diferenças da desigualdade. **Jornal da Rede Saúde**, n. 23, p. 48-50, 2001.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani (1 Ed.). São Paulo: Boitempo, 2016, 248 pp.
- FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. In: Werneck, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000, p.197.
- KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Penso Editora, 2014.
- LIMA, Adriana Silva Guedes de; VOLPATO, Luci Martins Barbatto. **Saúde da mulher Negra e os determinantes: Racismo, Questão de Gênero e Classe Econômica**. Etic 2014: Encontro de Iniciação Científica, p.1-20, 2014. Disponível em: < <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/viewFile/4406/4166>>. Acesso em: 25 out. 2022.
- LOPES, Francisca Ramos. O racismo e algumas relações afetivas: uma análise de práticas discursivas constitutivas de identidades étnico-raciais. **Encontros de Vista**, v. 2, n. 2, p. 77–89, 2008.
- MENDES, Josiane; MOTA, Daniela. O feminismo negro e a subjetividade da mulher negra. **Cadernos de Psicologia**, v. 3, n. 6, 2022. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3181/2181>. Acesso em 25 out. 2022.
- NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira. Eu não vou morrer: Solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c21581, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581>. Acesso em: 25 out. 2022.
- OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 939-948, 2019.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: ÉDUFBA, - (Coleção Temas Afro). 2013. p.382.
- PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 18, n. 45, 2020.
- PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & epistemicídio: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo**. 2018. 98 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica) -Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- PRADO, Carolina Conceição et al. Fatores promotores de sofrimento psíquico na população negra em vulnerabilidade social. **PSI UNISC**, v. 6, n. 1, p. 48-68, 5 dez. 2022. Acesso em: 22 out.2022.
- ROSA, Patrícia Lima Ferreira Santa; HOGA, Luiza Akiko Komura; SANTANA, Mônica Feitosa. Mulheres Negras, o Cuidado com a Saúde e As Barreiras na Busca por Assistência: Estudo Etnográfico em uma Comunidade de Baixa Renda. In: Anais do Congresso Internacional de Humanidades & Humanização em Saúde [= Blucher Medical Proceedings, num.2, vol.1]. São Paulo: Editora Blucher, 2014.
- SANTOS, Vitoria Carmo dos; DIAS, Acácia Batista. Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/KMq6vJbgrskFZgCGRpsFpPc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SILVA, Amanda Raquel da. **A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN**. 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SILVA, Marcos Antônio Batista; OLIVEIRA, Ivani Francisco de. A relação entre racismo, saúde e saúde mental: Psicologia e educação antirracista. **Cadernos de Psicologia**, v. 23, n. 3, p. e1753, 25 jan. 2022.

SILVA, Maria Lúcia da. **Racismo e os efeitos na saúde mental**. In: L. E. Batista, S. Kalckmann (Orgs.), Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo. São Paulo, SP: Instituto de Saúde, 2004. p. 129-132.

STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Penso Editora, 2016.

VEIGA, Lucas Motta. **Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, p. 244-248, 2019.

_____ **Clínica do impossível: Linhas de fuga e de cura**. Telha, v. 1ª edição, p. 112, 2021.

XAVIER, Daniella de Barros et al. **As implicações do racismo na saúde mental da mulher negra**. Revisão Português, p. 77, 2021. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/04/as-implicacoes-do-racismo-na-saude-mental-da-mulher-negra.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2022.